

AS CONDIÇÕES DE ENSINO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE 1º GRAU

Valéria Ochoa Oliveira*

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo tentaremos perceber alguns aspectos das condições de ensino hoje da disciplina Educação Artística nas Escolas Estaduais urbanas de 1º grau, na cidade de Uberlândia, MG.

Nosso objetivo, ao escolher este aspecto - condições de ensino - entre tantos outros, foi o de ter uma visão da problemática enfrentada nas escolas por professoras que ministram a disciplina, já que há alguns anos ela foi extirpada dos currículos de 1ª a 6ª séries em Minas Gerais e hoje só é oferecida nas 7ª e 8ª séries do 1º grau, para um público já adolescente e, às vezes, adulto, como nos cursos noturnos. Assim mesmo, a carga horária semanal é insuficiente na 7ª série, com apenas 1 módulo de 50 minutos, enquanto que na 8ª série é oferecida em 2 módulos semanais.

As condições de ensino hoje, a nosso ver, expressam uma visão da Arte no contexto educacional, seja pelo Estado, posta na legislação, seja pela direção da escola, que pode ou não respeitar e proporcionar um espaço para a disciplina, ou seja, pela sociedade como um todo, que percebe as contradições e reivindica melhorias no ensino. Neste sentido, a luta é antiga. Vários manifestos dos arte-educadores foram encaminhados ao MEC, até hoje sem resposta. Além disso, existe hoje uma movimentação por parte dos arte-educadores de Minas Gerais, envolvendo Delegacias de Ensino e profissionais ligados à área, tentando abrir caminhos e conquistar um espaço na legislação, tanto no que se refere à oferta da disciplina como também à melhor formação dos educadores.

O aspecto lúdico e artístico não é negligenciado na pré-escola, embora muitas vezes seja veiculada uma visão distorcida deste fazer artístico. Entretanto, ao começar a fase de alfabetização, esses valores são esquecidos, como se a fantasia e a inventividade não pudessem conviver com as disciplinas "sérias" de uma formação cada vez mais tecnicista. A função central da Arte na educação é "libertar o sujeito dos condicionamentos sociais impostos pelo racional, que é a área, por excelência, trabalhada pelo sistema". Daí seu importante papel quando pensamos em sujeitos que sejam críticos e criativos, que sejam capazes de intervir e recriar sua cultura em direção a uma sociedade mais justa.

* Aluna do programa de Mestrado em Educação Brasileira - UFU

1. VIEIRA, Ivone Luzia. Arte educação: os obstáculos à elaboração de um conhecimento. *Educação em Revista*. Revista da Faculdade de Educação da UFMG, n°2, dezembro de 1985.

O que se pretende com uma educação estética - que ofereça um espaço à Arte em todos os seus aspectos dentro do contexto educacional (formal e informal) - é no sentido de que "a educação estética é considerada uma contribuição essencial para a formação do indivíduo, como personalidade e como membro da coletividade. Completando a educação intelectual, moral, física e profissional, ela faz desabrochar a criatividade ao conciliar o intelecto com a sensibilidade."²

Por outro lado, sabemos que ... "a atividade prática e a criatividade estão em relação mútua de interdependência com as estruturas sociais".³ Nossa intenção, portanto, neste trabalho é uma tentativa de perceber estas relações no ensino da Educação Artística expressas na pesquisa de campo.

2. METODOLOGIA/PROCEDIMENTOS

Para realizar a pesquisa de campo nas Escolas Estaduais no 2º semestre de 1990, foi determinada uma amostra estratificada de aproximadamente 10% do total das escolas de 1º grau da zona urbana de Uberlândia (5 escolas em 47). As escolas que foram determinadas eram representativas de diferentes tipos de bairros da cidade, incluindo desde escolas maiores e mais centrais, até escolas mais distantes, de periferia, abrangendo diferentes grupos sócio-econômicos. O primeiro passo foi contactar a direção das Escolas e os professores de Educação Artística (E.A.) para que o trabalho e seus objetivos fossem conhecidos.

O instrumento escolhido para efetuar a pesquisa de campo foi o de entrevistas individuais, com questões abertas versando principalmente sobre as condições de ensino da E.A. nas escolas, além de outras questões sobre o próprio professor e o material de ensino mais usado por ele.

A entrevista durou em média de 40 a 60 min., procurando, com as questões abertas, oferecer um espaço para que os professores expressassem sua vivência nas escolas e a problemática vivida no cotidiano do ensino de E.A., dados fundamentais para o que pretendíamos com este trabalho.

3. DADOS

Quanto à *formação acadêmica* das cinco professoras pesquisadas, quatro possuíam Licenciatura Plena com Habilitação em Artes Plásticas (uma delas com Especialização em Técnicas de Comunicação e Expressão), e outra, Licenciatura Curta e Habilitação em Educação Artística (curso de 2

2. GORANOV, Krestu. Educação estética na Bulgária. *O Correio da UNESCO*, ano 11, n° 10, outubro de 1983.

3. WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, p. 23

anos). Apenas uma das cinco tinha estabilidade no cargo, ou seja, era *efetiva* e trabalhava há 12 anos na mesma Escola, completando sua carga horária com aulas de Redação para 5ª e 6ª séries. As outras quatro professoras eram contratadas para um cargo (18 h. semanais), sendo que, destas, três trabalhavam em 2 escolas e uma trabalhava em 3 escolas de bairros diferentes.

Quanto às *condições de ensino*, foram abordadas 5 questões:

1. Condições de Trabalho X Horário

Quatro das cinco professoras apontaram as dificuldades de se trabalhar com os últimos horários, tanto no diurno como no noturno, principalmente em salas de muitos alunos. Apenas uma delas não tinha problemas de horário, vendo apenas a necessidade de aumentar a carga horária da 7ª série para 2 módulos semanais, aliás uma observação feita por todas.

2. Ensino da Educação Artística: Diurno e Noturno (Diferenças).

Todas elas trabalham nos dois turnos e apontam muitas diferenças que influem qualitativamente no ensino noturno: neste, quatro professoras apontam que a maior dificuldade é lidar com o *cansaço* dos alunos, que chegam para o estudo depois de uma jornada exaustiva de trabalho. Três apontam a *evasão* do noturno como um problema a ser repensado pela escola. Outras percepções importantes aparecem: os alunos do diurno têm mais participação e interesse, além da disponibilidade de tempo. No noturno, os alunos são em geral repetentes, adultos e desmotivados para o ensino. Uma professora aponta a desmotivação relacionada aos conteúdos, que são muito distantes da realidade dos alunos. No noturno também aparece uma dificuldade adicional para a maioria - os alunos nunca trazem materiais - gerando uma necessidade de mudar as propostas em relação aos conteúdos ensinados no diurno. Uma professora prefere trabalhar no noturno com propostas de teatro e dramatização e outra afirma que o ideal é que a escola em geral trabalhasse todos os conteúdos de forma mais agradável, o que ela tenta fazer com propostas mais ligadas à área musical e ao teatro.

3. A Disciplina de E.A. é respeitada por todos, na sua percepção? (por alunos, professores e direção da Escola).

Houve uma diversidade de respostas nesta questão. A maioria (quatro) aponta o fator *tempo de trabalho* na Escola como importante para conquistar o respeito de todos; destas, duas acham que são respeitadas tanto pela direção como pela Escola como um todo e relacionam isto aos muitos anos de trabalho que têm em suas respectivas escolas. Duas professoras acham que é preciso se impor, mostrando seu trabalho e fazendo constantes exposições dos trabalhos dos alunos. Uma acha que é preciso encontrar formas de conscientização até com os próprios alunos: para isto faz um trabalho nas primeiras aulas mostrando a necessidade da arte na vida de todos. Uma

percepção importante aparece quando uma das entrevistadas diz que o próprio sistema de avaliação da disciplina - que é por conceitos e, para alguns, não reprova o aluno - faz com que ela seja diferenciada dos outros conteúdos e não valorizada como sendo importante.

Outra acha que a questão do respeito à disciplina depende muito da visão do professor ou dos diretores - alguns respeitam e outros não - e percebe, nas escolas em que trabalha, que os professores e a direção do noturno são mais indiferentes em relação à E.A.

4. Você tem *liberdade de atuação* na escola? (uso do *espaço físico* e outros).

Nesta questão apenas uma professora relata que tem liberdade ampla de decisão e uso de todos os espaços da escola. A maioria afirma que sua liberdade é relativa: depende da escola, para duas professoras e depende do diretor, na visão de outra. Para uma professora, às vezes outras dificuldades se sobrepõem, como a do espaço para guardar o material (citado por outras três) e a possibilidade do uso de água durante as aulas. Um espaço possível de trabalho, como o laboratório de uma escola, lhe foi negado.

Para outras duas, o barulho durante as aulas é um problema a ser contornado. A música, por exemplo, tem que ser ouvida numa altura que não incomode e outra relata o espanto da direção quando os alunos estão excitados com alguma atividade, sem a "disciplina" que a escola preconiza.

5. Faz projetos integrados com outras disciplinas? Acha que é produtivo e interessante?

Duas professoras relatam que este ano trabalharam com um tema proposto pela Delegacia de Ensino envolvendo todas as disciplinas e acharam muito interessante e de grandes resultados. Em uma escola, foi tão envolvente o trabalho que resolveram continuar a experiência, ficando o colegiado encarregado de escolher o tema gerador para o próximo ano. Duas outras já fizeram a integração, mas apenas com disciplinas isoladas e por unidades de trabalho. Uma delas diz da dificuldade em encontrar os colegas no seu horário de trabalho, pois trabalha em 3 escolas diferentes. A outra relata que tentou várias vezes a integração com mais disciplinas, por sua iniciativa própria, mas houve total desinteresse por parte dos outros docentes. Apenas uma diz que não tem experiência e nunca fez esta integração, embora ache mais interessante fazê-la com grupos menores de trabalho - 1 ou 2 disciplinas - e integrando por unidades de trabalho.

O último tópico da pesquisa foi em relação aos *materiais de ensino*. As questões foram:

1. Materiais mais usados nas suas aulas de E.A.

A maioria das professoras (quatro) trabalham com materiais mais convencionais de Arte: cadernos de desenho, papéis, grafites, lápis de cor, borracha, régua, revistas, cola, etc. Uma delas pede apenas o básico: caderno de desenho, borracha, grafite e régua. Outra deste grupo diz que depois do primeiro bimestre varia com outros materiais, como o próprio corpo do aluno e sente falta de pesquisas e de usar com mais frequência materiais alternativos.

Apenas uma das cinco relata que não tem dificuldades com materiais, pois suas propostas envolvem mais o uso do próprio corpo do aluno - teatro, dramatização e dança - além de materiais alternativos, como sucata.

2. Formas de aquisição ou produção deste material.

Para a professora cujos materiais são apenas o básico (caderno de desenho, grafite, borracha e régua) a aquisição é individual. Para outras três que trabalham com uma opção maior de materiais, a aquisição pode ser variada: o básico é mesmo adquirido individualmente, podendo os outros materiais ser cotizados entre o grupo. Apenas uma citou a ajuda da escola para a aquisição. Outra relata que, quando o material pedido precisa ser adquirido, os próprios alunos tomam a iniciativa de cotizar entre si, ou, às vezes, ganham no comércio, dependendo da ajuda extra da professora em ir explicar a proposta e reunir este material. Esta mesma professora costuma fazer passeios com os alunos e recolher pigmentos e materiais da natureza para os trabalhos em sala, enquanto os alunos se incumbem de juntar em casa materiais como sucata para futuras propostas.

3. Restrições na aquisição do material

Das cinco entrevistadas, apenas uma não vê restrições, devido a que suas propostas giram mais em torno do teatro, dramatização e dança. Para ela, os materiais não são o essencial, e sim um complemento das propostas. As outras quatro se dividem nesta análise: três atribuem as restrições a problemas econômicos, principalmente para o aluno do noturno, sendo que duas complementam que há também desinteresse e falta de consciência (para uma delas). A falta de interesse na aquisição do material, segundo a percepção da professora, é evidente, pois os materiais têm o preço acessível e, portanto, não poderiam deixar de ser adquiridos por razões econômicas.

Outras questões

Embora não tenha sido uma questão abordada por nós, três das cinco professoras citaram sua dificuldade ao terminar o curso e entrar no mercado de trabalho. O distanciamento da Universidade em relação aos reais problemas da comunidade, fazendo com que a maioria dos educadores aprenda muito mais no exercício da profissão do que durante seus anos escolares, aparece como o grande desafio dos cursos de Licenciatura e como uma reflexão a ser aprofundada por nós.

"...a arte em educação não conseguiu, ainda, superar as contradições de sua prática e elevar-se ao teórico a partir de sua própria experiência."⁴

4. DISCUSSÃO

*"Tudo o que fazemos está localizado em estruturas sociais e, portanto, é afetado por elas. Disso não se segue que, para sermos agentes livres, tenhamos, de alguma forma, de nos liberarmos das estruturas sociais e agir fora delas. Pelo contrário, é a existência dessas estruturas e instituições que nos permite toda e qualquer atividade, e isso se aplica igualmente a atos de conformidade e atos de rebelião."*⁵

Os dados demonstram inicialmente as dificuldades decorrentes do ritmo de trabalho dos professores. Devido ao número reduzido de aulas de Educação Artística oferecido em cada escola, a maioria (80%) é obrigada a trabalhar em 2 ou até 3 escolas para completar sua carga horária de 18 horas. Realidades diferentes em cada escola, muitas turmas, às vezes salas cheias e, principalmente, o primeiro desafio - 7ª e 8ª séries, alunos com 13 e 14 anos, adolescentes e muitos já adultos, como no noturno que, em muitos casos, nunca tiveram a disciplina em seus currículos. Questões como qual seria a concepção de arte que este aluno tem, ou qual a concepção que o professor traz consigo e tenta transmitir não são, entretanto, objeto de nosso estudo agora. Tentaremos apenas uma abordagem do ponto de vista sociológico, relacionando os fatores encontrados na pesquisa ao contexto educacional, que reflete, por sua vez, o contexto social mais amplo.

Uma questão importante aparece ainda em relação ao professor: apenas um entre os cinco é efetivo, com seu tempo de trabalho na mesma escola de 12 anos, superior ao tempo dos outros quatro professores. Este fato está relacionado a vários outros, quais sejam:

- . horários melhor distribuídos;
- . respeito à disciplina por todos: alunos, direção e colegas;
- . liberdade tanto de atuação como de uso dos espaços disponíveis na escola;
- . integração com todas as disciplinas.

Sem entrar nos méritos individuais deste professor, percebemos que as melhores condições de ensino vinculadas ao fator tempo na escola sugerem que a Arte por si mesma não tem um lugar importante na Escola, independente do professor que atua, como acontece nas outras disciplinas consideradas "sérias" e fundamentais. Quem hoje duvidaria da importância de disciplinas

4. VIEIRA, Ivone Luzia. Arte em educação: os obstáculos à elaboração de um conhecimento. *Educação em Revista*. Revista da Faculdade de Educação da UFMG, dez., 1985.

5. WOLFF, Janet. *Op. cit.*, p.23.

como Matemática e Português, ou mesmo tentaria vincular esta importância à atuação do professor? Ou seja, a situação da Arte no contexto educacional e social não é privilegiada; pelo contrário, depende muito da luta solitária de cada professor, que tem que conquistar seu próprio espaço individualmente.

Além da problemática enfrentada pelas professoras em relação aos outros fatores das condições de ensino apontadas nesta pesquisa, o ensino da Educação Artística para o aluno do noturno enfrenta outras peculiaridades relacionadas a um contexto social mais amplo. As condições sociais deste aluno são, em muitos casos, inferiores às do aluno do diurno, além de serem adultos e repetentes, na maioria. As respostas a esta questão apontam principalmente para o cansaço do aluno, que chega depois de uma jornada de trabalho, muitas vezes com fome e desmotivado para o ensino. Outras respostas citam o problema da evasão do noturno como um sintoma que não pode ser pensado individualmente, e sim como um desafio para a Escola no sentido da adequação dos conteúdos à realidade diferenciada desses alunos. É importante que o professor de E.A. perceba que o aluno

“... não é concebido como um espírito ideal, livre, criativo, mas precisamente como alguém com uma situação social e histórica determinada e que se defronta com condições de produção artística que lhe são externas.”⁶

A liberdade de atuação e de uso dos espaços disponíveis aparece como uma questão relacionada com a importância que a Arte tem na Escola e, muitas vezes, com a visão de Arte que a direção da Escola tem. “Depende”, foi a resposta da maioria. E depende de muitas coisas, mas, na maior parte das vezes, é só o espaço da sala, apertado, carteiras convencionais e o “barulho” tem que ser moderado, senão vira “bagunça”... A tão sonhada sala especial, um espaço possível que poderia ser uma Oficina para todas as Artes, é, no momento uma proposta bastante utópica quando vemos o estado lastimável de algumas escolas, que hoje precisam do básico para continuar sobrevivendo.

“Em todas as áreas de produção cultural, porém, operam determinantes econômicos - através do controle das instituições culturais, através da elaboração de uma política para as artes... A produção social da arte só pode ser devidamente compreendida numa economia política da produção cultural.”⁷

Quanto à questão dos projetos integrados com outras disciplinas, percebemos que, em muitos casos, também está relacionada com o contexto educacional mais amplo, ou com o lugar que a Arte ocupa na escola. Quando o próprio colegiado de uma escola toma a iniciativa de promover essa

6. Idem, p.73.

7. Idem, p.58.

integração entre as disciplinas, encontramos uma situação bastante diferenciada das demais, onde o professor de E.A. muitas vezes tenta individualmente, e sem sucesso, reunir-se com os colegas e planejar em conjunto. Outras vezes, é impossível exigir de um professor maior carga de trabalho, quando ele já atua em 3 escolas de bairros diferentes e quase nunca se encontra com os outros professores.

Um tópico abordado por último, no que se refere aos *materiais de ensino*, nos dá uma dimensão da inventividade que deve estar presente no cotidiano do professor de E.A. Mesmo que ele peça só o material básico - que para ele é o mínimo - existe a dificuldade de o aluno não levar este material para as aulas. Por quê? Quatro das entrevistadas apontam o problema econômico na aquisição do material, principalmente para o aluno do noturno, porque o material pode ter um preço acessível, mas para muitos é inviável comprá-lo. Daí o fato de quase todas as professoras carregarem sacolas cheias de material para emprestar ao aluno, para que ele produza durante as aulas. Uma professora relata que já comprou materiais para os seus alunos com seu próprio dinheiro, para evitar a frustração de uma sala improdutiva. A única que não tem problemas em relação aos materiais prefere fundamentalmente trabalhar propostas ligadas à área de teatro e dramatização ou com materiais ditos alternativos, que os próprios alunos recolhem em casa ou em passeios conjuntos. Pode-se argumentar que nem sempre isto é possível: algumas vezes, pela própria formação do docente, que é mais ligada à área de expressão plástica, e não à de teatro ou dança; outras vezes, a impossibilidade de, por exemplo, trabalhar-se no noturno com passeios para recolher materiais ou depender de um tempo que esse aluno não tem para recolher o material individualmente.

De qualquer forma, fica a questão de que os professores de E.A. precisam pesquisar e encontrar novas maneiras de conseguir materiais para suas aulas, levando em consideração o fator econômico presente na maior parte das dificuldades de obtenção dos materiais mais convencionais de Arte.

De todos os aspectos aqui abordados sobre as condições de ensino da Educação Artística, que são apenas alguns entre muitos, é possível concluir que

“...as condições de produção literária e artística são, em si, parte das condições mais amplas de produção na sociedade e estão relacionadas com elas.”⁸

8. Idem, p.73.

5. BIBLIOGRAFIA

GORANOV, Krestu. Educação estética na Bulgária. *O Correio da Unesco*, ano 11, nº 10, outubro de 1983.

VIEIRA, Ivone Lúzia. Arte em educação: os obstáculos à elaboração de um conhecimento. *Educação em Revista*. Revista da Faculdade de Educação da UFMG, nº 2, dezembro de 1985.

WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.